

A religiosidade em “Adão no éden” de Carlos Fuentes

Sabrina de Castro Costa Sales de Lima¹

Resumo: Este artigo busca analisar a religiosidade no livro *Adão no Éden* de Carlos Fuentes, escritor mexicano, que trata de maneira simples as questões frágeis da América Latina, fazendo denúncias das suas políticas arcaicas e sociais que se mantêm imutáveis. Toca nas feridas ainda abertas, tanto do México quanto da América Latina, como a religião, que é usada para manipular o povo cobrindo o uso do poder abusivo de líderes que deveriam defender a segurança do país.

Palavras-chave: América Latina. Literatura. Literatura Hispano-Americano. México. Religiosidade.

Abstract: This paper aims to analyse the religious issues presented on the book “Adão no Éden”, by Carlos Fuentes, a Mexican writer. It is briefly announced the sensitive issues round Latin America, making denounces of the archaic politics and social matters that remain unchangeable in its society. To go further in his denouncement, the author also highlights how religion is used in Mexico and all over Latin America as well to manipulate people concerning the use of abusive power of leaders who should defend the country's security somehow.

Keywords: Carlos Fuentes. Latin American Literature. Literature. Mexico. Religiosity.

¹ Graduada em Letras pela FAJESU - Brasília

1. INTRODUÇÃO

Analisar o fenômeno religioso como uma ferramenta de manutenção da sociedade, usada tanto para a alienação, quanto para o entretenimento do povo. Na obra *Adão no Éden*, Carlos Fuentes trata da vida social de uma família da alta classe mexicana, fazendo denúncias de acontecimentos que rodam a sociedade, usados de maneira abusiva para enganar a todos, não deixando que as questões políticas ainda não resolvidas da América Latina sejam esquecidas e toca em suas feridas ainda abertas, uma sociedade à beira do precipício, que espera por um “milagre”, como o poder e a religião são usados para manter a sociedade em seus eixos, utiliza das fragilidades humanas para passar ideais de crenças e assim manipular tanto o meio religioso quanto o político, que estão ligados, em uma tentativa de salvar a população que é enganada tão facilmente, as pessoas não têm a quem pedir ajuda, aceitam tudo que é passado.

A obra além de ser uma crítica política e social, retrata uma família da alta classe mexicana, a manipulação de quem detém o poder e as regras que todo homem social deve seguir para ser aceito e a imagem que ele deve passar vivendo uma “pseudo-vida”. Utiliza dos símbolos para representar o meio religioso com a atual sociedade.

A influência que a religião tem sobre a cultura, sofrendo impactos dessa mesma cultura, tentando ser libertadora e oprimindo ao mesmo tempo. “A religião é o resultado da experiência religiosa” (WILGES, 2003, p.12) e o povo passa a se

reconhecer como um povo de Deus e os seus atos são sacralizados.

Na obra a ciência é obrigada a dividir espaço com a religião, os fenômenos naturais são reconhecidos como “obras da divina providência” a palavra de um padre tem maior valor que a de um cientista, que estudou um fato antigo na história, já descrito antes do cristianismo. O misticismo é mais aceitável, por causa da fé cega que todos seguem, não permitindo questionamentos. Apenas as verdades do mundo cristão católicos são aceitas.

2. CARLOS FUENTES E “ADÃO NO ÉDEN”

Carlos Fuentes foi diplomata e escritor mexicano de contos, ensaios e peças teatrais, nasceu em 1928 no Panamá, em 11 de novembro de 1928. Naturalizou-se mexicano em 1944. Filho de diplomata mexicano passou a infância em diversos países, entre eles, Brasil, Uruguai, Chile e Argentina. Formou-se em Direito e Economia. Considerado um dos maiores romancistas em língua espanhola na América Latina. Escreveu *Aura*, *A campanha*, *Adão no Éden*, *A Iaranja*. Recebeu diversos prêmios e distinções, como o Prêmio Miguel de Cervantes, o Prêmio Picasso, outorgado pela Unesco, França, em 1994, o Prêmio Real Academia Española, de 2004, o Prêmio Internacional Don Quijote de la Mancha, em 2008 e o Prêmio Príncipe de Astúrias. Fez parte do movimento formado no século passado que criticava as estruturas políticas arcaicas da América Latina.

A obra retrata uma família da alta sociedade mexicana, Adão Gorozpe dá o “golpe do baú”, casando-se com Priscila, a filha do Rei do Pão, o

senhor Celestino que ergueu a sua fortuna vendendo pães, transformou em benção a maldição com que Deus expulsou Adão e Eva do Paraíso: “Ganharão o pão com o suor de sua testa”. (FUENTES, 2011, p. 19). Priscila é a Rainha da Primavera, usando-a Adão ascende e passa a ser notado e a fazer parte da alta sociedade.

Abre uma discussão sobre a rotina e a vida comum, na perspectiva de um homem que tanto está dentro da narrativa, quanto com um olhar distanciado.

Adão Gorozpe na noite de Natal, desperta e vê todos presos às regras da sociedade. Priscila a sua esposa, faz coisas sem sentido, trata a empregada com bofetadas, as pessoas veem e fingem que nada aconteceu, para ela não há causa e efeito, apaixona-se por Adão Góngora, o casamento de aparência de Adão Gorozpe é ameaçado com a chegada do segundo Adão, e corre o risco de ser eliminado.

O narrador coloca Adão como o dominador de todos, esse poder de fato é dele ou lhe foi doado? Para que o Sol seja Sol ele necessita de outros astros com pouca ou nenhuma luz, são algumas das indagações que a personagem faz depois de seu despertar na Noite de Natal.

Adão Góngora é encarregado da segurança nacional, mata inocentes e prende pequenos traficantes para ter números. Os inocentes mortos são pessoas humildes que não iam protestar, não tinham a quem recorrer, receber o seu morto com um cartão de identificação amarrado ao dedão do pé, já bastava. Forjava estatísticas de que a força pública atuava com eficácia.

A vida de Adão tão severamente posta em ordem corre o risco à desordem, com a chegada de uma nova estrela que pode ofuscar o brilho do Sol. Góngora é o pesadelo da vida de Adão, dois personagens de nomes iguais, um põe em risco a existência do outro, tentam a todo instante um eliminar o outro.

Ele é a salvação de Adão e também a sua fragilidade. O personagem Ele é um mistério vive o presente e não possui passado. Quando Adão fala com Ele diz que pode falar de tudo e nada, sem medo de represália, “Ele é água que corre tranquila e clara” (IDEM, 2011, p. 81). Adão Gorozpe têm três vidas a profissional, a familiar e a com Ele. Com Ele a vida de Adão alcançou uma planície, e a sua ambição não haveria motivos para existir.

A construção da imagem para a sociedade, Adão diz que é uma chatice, porém não há saída, para ele existir precisa ser visto, vive na mansão Lomas Vierreyes por causa da rotina repetitiva e para construir a boa imagem de fiel à família. Critica a imagem que a família forja para si mesma, como o retrocesso aos casamentos programados pela família. “As relações familiares também usam, se não óculos, ao menos antolhos, como os cavalos, para que não se assustem e continuem em seu trote habitual” (IDEM, p. 126). Mesmo sabendo que Priscila está traindo, ele age normalmente, fingindo não saber de nada.

As feridas da sociedade AA.MM. (A Aliança por La Moral Mexicana) mostra a opressão sofrida pelos homossexuais, o relato de um jovem que não sai de casa para não ser morto. Casas hipotecadas,

uma cidade em profundas crises, que diz: "Vamos purificar a nação" retomando ao fascismo-nazismo. Com a cegueira cristã as pessoas ficam conformadas com as palavras reconfortantes de líderes espirituais, querem explicar fenômenos naturais como a passagem do cometa, um terremoto com ilusões como a "hora está chegando" ou foi "um sinal de Nossa Senhora" fenômenos já explicados pela física.

Adão Góngora em declarações à imprensa sente saudade da época do "Partido Revolucionário Institucional, quando os sindicatos eram somente do governo" (IDEM, p. 95) as greves eram proibidas e todos em um ciclo de submissão "os trabalhadores estavam submetidos aos patrões e o patrão era pró-governo" (IDEM, p. 95) quer retomar a opressão "de um passado mau para impedir o horror de um presente pior" (IDEM, p. 95) as soluções de Góngora é o retrocesso de uma sociedade que mesmo não tendo evoluído muito pode regredir com a luta entre partidos que não apresenta nenhuma solução aos problemas da sociedade "mais de cem milhões de habitantes lutando para ascender e ter seu lugar ao Sol, de uma forma ou de outra" (IDEM, p. 143) a luta, a sobrevivência em uma sociedade repleta de desigualdades.

A população humilde passa a ser uma "doença social", mas são apenas vítimas da sociedade, o poder cego ataca as vítimas e não os verdadeiros culpados que se escondem atrás do poder como é o caso do seu Celestino, manda porque tinha dinheiro e o outro se mostrava ao povo.

Na obra há trechos de notícias fragmentadas e algumas parecem não ter ligações óbvias com a obra, Adão paga um colunista e cria "o círculo mágico que rodeia Adão Gorzpe" (IDEM, p. 18) editando as informações a seu critério. Outra crítica é o salão do automóvel no México, os carros mostrados eram símbolo de poder, porém as estradas do país não têm condições de terem carros assim.

Aberlado uma flor perdida entre cactos, magro, calado, um ser excepcional e que em nada se parece com sua família. Exilado das letras pelo papa literário, usa do privilégio, o nome do pai para falar com Rodrigo Pola, diretor de telenovelas, agora Aberlado quer ser escritor de telenovelas venezuelanas e mexicanas, porém ele teria que seguir um roteiro sem escape "Tudo nesse discurso está cifrado: Pátria, Família, Religião e Estado... - E a conclusão? - perguntou Aberlado - A empregada se casa com o menino-bem." (IDEM, p. 77) Aberlado terá a liberdade de mudar somente os nomes dos personagens, abandona o sonho de ser escritor e o de escrever telenovelas.

Encontra uma misteriosa mulher, agora a sua busca é pela "alma". A mulher misteriosa é mãe do Menino Deus, tenta chamar a atenção das pessoas, em uma entrevista, o Menino Pregador diz que é apenas um menino de escola e que ouviu o chamado, coloca as suas asas e seus cachos e vai pregar. A cada dia ele ganha mais seguidores, a sua mãe diz que é a virgem Maria.

O menino pede às pessoas que não tenham pressa, que Deus está voltando "Na esquina da Quintana

Roo com a Insurgentes, instalou um pequeno estrado do qual domina trânsito da avenida. Não é um espaço aberto, mas um lugar de trânsito rápido ou engarrafamento involuntário, um lugar de buzinas e xingamentos” (IDEM, p. 37) Ele apareceu onde menos era esperado, usa uma túnica branca, asas nos tornozelos, primeiro as pessoas xingam a mãe dele por dificultar o trânsito, depois param e vão ouvir, ficam deslumbrados. O menino pregador diz que obedece a uma voz interna, de seu coração, uma necessidade de sua alma.

Aberlado, em busca da alma, pede ajuda ao seu cunhado Adão, que usa da alienação de um país cristão, para completar o seu plano do Sigfrids, começam a aparecer sem explicações pessoas afogadas em piscinas ou enforcadas, eram Adão Góngora e outros líderes que ameaçavam a segurança do país, manda o Menino Pregador dizer que as causas das mortes dos criminosos “não é o governo, que eles não se matam entre si, que não são vinganças entre homens. - É a vingança do céus!” (IDEM, p. 180) O menino e a sua mãe, a Virgem enganam a todos, uma crença cega é a distração para os grandes conflitos.

Adão vê-se como o Sol, os seus colaboradores são submissos, necessitam dele: “Eles sim: condenam-se diante de mim por suas necessidades” (IDEM, p. 26) os colaboradores sem explicações aparecem usando óculos escuros, a fraqueza do poder de Adão começou a ser mostrada, ele governa porque os seus governados permitem. Pensava que tinha o controle de Priscila e ela apaixonou-se por outro. A vida que seguia tranquila começa a ter crises, mas

em meio as crises a ambição da personagem se refaz e ele volta ao seu domínio.

3. UMA LEITURA DA RELIGIOSIDADE NA ARTE E NA LITERATURA

A arte que a religião faz surgir, Lutero emancipou o povo do jugo da Igreja Católica, quando traduziu o Novo Testamento da Bíblia que escrita em uma língua que se encontra morta, para uma que ainda nem estava viva, pois era desconhecida, a língua alemã, não possuía reconhecimento, buscou deixar a tradução o mais próximo da língua usada no dia a dia, pelas pessoas comuns, a fim de facilitar a compreensão do que estava escrito.

Antes de Lutero a literatura alemã era como um todo:

“sua matéria, seu tema é, como a própria vida na Idade Média, uma mescla de dois elementos heterogêneos, que se engalfinharam com tanta violência durante o longo combate, que por fim se imbricaram um no outro, quais sejam: a nacionalidade germânica e o assim chamado cristianismo católico, indo-agnóstico.” (HEINE, 1991, p. 50)

Enquanto que na mitologia grega os deuses possuíam forma, a sua figura já estava pronta e todo o restante era criação do artista, na Idade Média o artista não podia criar nada além, pois tudo ia contra o que era constituído, determinado por fatos, “aos quais a mente poetizante do homem podia conferir um significado parabólico” (IDEM, p. 50), andam juntas, mas em sentido diferente, logo a arte não consegue se manter sob, todas as restrições que é condenada a seguir, por muito tempo, a revolução já nascia na mente dos artistas, que não se continham com todos os limites obrigatórios que eram impostos pela

igreja, Lutero nega a autoridade do Papa, usando a Bíblia, e um novo período se inicia. A igreja é dividida em duas e aparece o cristianismo evangélico. A religião, novamente passa ser a verdade, os milagres são interrompidos, e logo as ciências naturais dão grande avanço.

Quando Lutero deu o direito de explicar a Bíblia, surgiu a liberdade de consciência ou liberdade de pensamento. Diferente do que ocorria na Idade Média, podia debater assuntos intocáveis, havia a distinção entre verdade teologia e verdade filosófica e o espírito humano podia exprimir-se livremente.

O poeta não caminhava livremente e sim ao lado de um abismo de dúvidas “em suas obras reinava uma destemida tranquilidade, uma ditosa confiança” (HEINE, p. 50) Assegurada pela autoridade papal até então, nada podia inquietar, quando a autoridade papal desmorona, “Todos os poemas da Idade Média têm, por isso, o mesmo caráter, é como se não apenas um indivíduo isolado, mas todo o povo os tivesse composto; são objetivos, épicos e ingênuos” (IDEM, p. 51) a poesia tinha sentido universal, era uma manifestação de um todo e não de apenas uma pessoa sozinha.

O “eu” não existia nem o individualismo, a arte era sombria, não podia sair da linha já pré-destinada, tudo era intocável segundo Heine: “é como se fosse iluminado pela vacilante luz da lua.” (IDEM, p. 50) Lutero é quem emancipa a arte, o espírito faz descobertas que fomentam o bem-estar material começam a expressar o que é sentindo e pensado, a revolução aflora nos artistas

que eram aprisionados a obedecer à autoridade Papal, que passava segurança em todas as questões espirituais e temporais.

O mundo cristianizado criou em tudo símbolos, tornando objetos ora sagrados, ora profanos. A natureza foi transformada em maligna, como por exemplo, um rouxinol, foi difamado, as pessoas faziam o sinal da cruz quando ouviam o seu canto. Lutero não acredita nos milagres da igreja católica, mas acredita no demônio, relata que foi molestado pelo Diabo enquanto traduzia o Novo Testamento, no Renascimento a crença nas estórias da igreja desaparece, porém a crença na bruxaria e na magia permanece.

Para a arte ser laica, ela antes foi sacra. Era uma representação dos deuses, do lado místico do homem, que a arte apenas sacra não conseguiu deter, ela teve que se libertar para o homem conseguir se expressar e assim para a arte ter a plenitude, surge à literatura moderna, configura uma nova realidade das coisas, exprimem o que a época sente e pensa. O homem apresenta-se diante do Criador sozinho, é dono da sua razão e tem consciência de si.

“Glória a Lutero! Glória eterna ao estimado homem a quem devemos a salvação de nossos bens mais nobres, e de cujas ações ainda hoje vivemos!” (IDEM, p. 41) graças a Lutero foi possível a emancipação da razão, e o homem pode expor os seus interesses individuais, e a arte conseguiu ser laica.

4. ANÁLISE DA RELIGIOSIDADE NA OBRA “ADÃO NO ÉDEN”

A religião permanece com a sua vitalidade, que se julgava extinta, “foi expulsa dos centros do saber científico e das câmaras onde se tomam as decisões que concretamente determinam nossas vidas” (ALVES, 2003, p. 10), ela já não pode frequentar esses lugares, mas ainda está “mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir” (IDEM, p. 13)

De maneira simples Carlos Fuentes trata assuntos complexos da sociedade. Como a questão da religiosidade é um fenômeno universal.

A questão religiosa pode estar em todos os campos de estudo, cada uma das ciências humanas pode estudar a experiência religiosa como suas múltiplas expressões partindo do que lhe é próprio. A sociologia da religião ficou celebre com Émile Durkheim com a obra “*As formas elementares da vida religiosa*” (1912) estabelece que a religião é uma forma fundamental de coesão social, o fenômeno religioso é essencialmente coletivo. “O sociólogo deve partir da história da religião, mas o objeto de sua ciência é a manifestação social dos acontecimentos religiosos” (CROATTO, 2001, p. 19).

A psicologia da religião tem duas vertentes, a de Sigmund Freud é a linha negativa, classificando a origem da religião como uma ilusão, simulada ao sono, ao delírio, à neurose obsessiva, seria o reino do imaginário por excelência. Deus ocupa o lugar de um imaginário “pai onipotente”. Já Carl Gustav Jung descreve a linha positiva. Afastou-se da linha freudiana. O inconsciente coletivo é mais antigo que o inconsciente individual. Lembranças da vida da primeira humanidade que são profundamente

marcadas são as fontes tanto dos mitos religiosos quanto dos sonhos. Sendo positiva ao ser humano para estabilizar a sua personalidade.

O fenômeno religioso é primordial, ainda mais quando se trata de um país na América Latina em que segundo o censo de 2010, 92% da população mexicana é composta de cristãos e 82% são de católicos:

“Plutarco: Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásio, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu.” (WILGES. 2003, p. 9)

O homem a-religioso só vai se desenvolver nas sociedades europeias modernas, outras grandes culturas do passado, também conheceram homens a-religiosos, embora os documentos não os registre ainda. Vilém Flusser vai dizer que o homem passa a cultuar o Estado como sagrado. E classifica a religiosidade como a “capacidade para captar a dimensão sacra do mundo” (FLUSSER, 2002, p.17) uma capacidade tipicamente humana.

Atualmente, os historiadores das religiões estão divididos entre duas orientações metodológicas divergentes, mas complementares: uns concentram sua atenção principalmente nas estruturas específicas dos fenômenos religiosos, enquanto outros se interessam de preferência pelo contexto histórico desses fenômenos; os primeiros esforçam-se por compreender a essência da religião, os outros trabalham por decifrar e apresentar sua história. (ELIADE. 2001, p. 13).

Os estudos sobre a religião se dividem em o estudo da historiografia da religião e o estudo da experiência religiosa e sobre este a presente análise.

No primeiro capítulo da obra *Adão no Éden*, Adão Gorozpe faz indagações sobre o Natal “Por que é celebrado?” o momento em que terminou a ilusão da sua memória. O Natal é “por costume, porque somos cristãos, porque somos mexicanos, no México até os ateus são católicos” (FUENTES, 2011, p. 9). Mesmo o homem do século XXI, onde a crença religiosa está desgastada, não tem como escapar do meio religioso, a festa de Natal uma data marco para o mundo cristão, até o mundo capitalista faz uso dessa data, tornando a sua comemoração obrigatória para todo o homem social e é um dos pilares da vida humana, “Muitas questões existenciais são bastante gerais e surgem em todas as culturas. Embora nem sempre expressas de maneira sucinta, elas formam a base de todas as religiões” (HENRY, 2000, p. 8.).

Um menino de escola que coloca asas e vai pregar em uma avenida movimentada, que a cada dia ganha mais seguidores e sua mãe a diz que era a Virgem Maria, mesmo depois de jornalistas provarem que ela não era, continuavam acreditando que ela era a Virgem Maria.

“Os homens não vivem só de pão. Vivem também de símbolos, porque sem eles não haveria ordem, nem sentido para a vida, nem vontade de viver” (ALVEZ, 2003, p. 34). O homem encontrar na religião uma justificativa para a vida, seguindo o que é determinado, vivendo para isso.

Aberlado pede ajuda ao seu cunhado Adão Gorozpe, porque estava desempregado e ele precisava ajudar a mãe do Menino Deus e o menino. Adão concede a ajuda e o Menino Deus teria que dizer que: não é o governo, que eles não

se matam entre si, que não são vinganças entre homens.

Adão Gorozpe estava perdendo a ordem de todas as suas vidas e a segurança do país cada vez mais ameaçada ele resolve atuar, contratando um grupo alemão para matar alguns líderes, as pessoas simplesmente apareciam mortas afogadas, enforcadas e sem alguma explicação aparente.

O Santo Menino vai proclamar em seu altar no cruzamento de Insurgentes com Quintana Roo: “- É a vingança do céu! Os anjos desceram para fazer justiça! Não se culpe a ninguém! A Providência de Deus age! Ouçam a voz de Deus! Creiam na espada divina!” (IDEM, 2011, p. 180).

Um Deus que se manifesta ativo, justiceiro, e a fé é usada como distração, sendo uma ferramenta de manutenção para que a ordem seja imposta, a religião é necessária ao povo.

Segundo Antonio Gramsci: “as pessoas julgam que é necessário fingir que são religiosas, para não perturbar o espírito dos outros e lançá-los na dúvida”. (PORTELLI, 1947, p. 33) é o que faz Adão Gorozpe, ele segue todas as comemorações como a festa de Natal o dia de Reis e depois que ele despertou na Noite de Natal, ele sente se superior aos outros porque não tem necessidade de superstições apenas é preciso dar a impressão de que crer em respeito aos outros.

O aparecimento de um cometa, “um cientista fornece dados sobre a história do fenômeno remontando a Aristóteles, que é quem pela primeira vez se refere a isso” (IDEM, p.156)

Porém, um sacerdote diz que as repetidas aparições do cometa são sinais da Divindade.

“Que tem a ver o projeto divino, responde o homem de ciência, com a prévia explicação de Newton: o cometa não é mais que uma manifestação física comum e corrente que chamamos “atraso gravitacional”? A cada quanto aparece um cometa?/, pergunta então o homem de Deus. A cada setenta e cinco anos. O mesmo cometa? E isso não é prova de um plano celeste?, foi o senhor quem disse, conclui o homem de ciência: um plano celeste, não um plano divino. Não é a mesma coisa?, tenta o sacerdote ter a palavra final”. (IDEM, p. 156)

A sacralização do mundo para o cristão todo o universo é sacro, mesmo com as explicações científicas o sacerdote faz com que o fenômeno natural, seja sacralizado fazendo parte do “universo aberto”.

O homem religioso vive num mundo aberto e que, por outro lado sua existência é “aberta” para o Mundo. Isto é o mesmo que dizer que o homem religioso é acessível a uma série infinita de experiências que poderiam ser chamada de “cósmicas”, tais experiências são sempre religiosas, pois o mundo é sagrado. Para chegar a compreendê-las, é preciso ter em mente que as principais funções fisiológicas são suscetíveis de se transformar em sacramentos. (ELIADE, 2001, p. 139)

O homem religioso não aceita que a natureza tem as suas leis e é sem controle, aceitando assim que deuses controlam o universo. Sacraliza o mundo, tornando tudo parte do sagrado, para “exorcizar o medo e constrói diques contra o caos” (ALVES, 2003, p. 26) tornando assim a sua existência significativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler Carlos Fuentes é ler o povo Latino Americano, em suas crises políticas e sociais. A questão religiosa está permeada por toda a história da

humanidade, ainda não há relato de um povo na história que não tenha cultivado um Deus este uma necessidade do ser humano. “Cada uma das ciências humanas pode estudar tanto a experiência religiosa como suas múltiplas expressões”. (IDEM p.15) partindo do que lhe é próprio.

Carlos Fuentes mergulha nas feridas ainda abertas do México e da América Latina usa fatos e coloca na sua narrativa. Como o caso dos “falsos positivos” que ocorreu na Colômbia, que improvisavam matando jovens inocentes humildes e foram apresentados como sendo guerrilheiros, com a finalidade de mostrar que a força pública era eficiente. Mescla à realidade a ficção, fazendo que o acontecimento não seja esquecido facilmente.

A arte que se libertou do jugo do mundo cristão para ser laica, antes foi sacra, mostra o quanto tudo está relacionado ao mundo sacro, o homem cria símbolos, um simples objeto adquire um novo aspecto, passa “a ser sinais de realidades invisíveis” (ALVES, 2003, p. 27) é logo cercado de mistério o discurso o objeto tido como sagrado torna “entidades brutas e vazias, em portadoras de sentido” (IDEM, 2003, p. 29), aceitam que o mundo é regido por leis divinas e não que a natureza possui as suas próprias leis e que é sem controle.

No livro a igreja católica é um aparelho de ideologia, apresentando-se também como uma redefinição de Estado, é uma das engrenagens essenciais da sociedade, para a sua manutenção e umas das bases do ser humano religioso, que

sempre busca uma maneira de ser parte do universo sacro. E as pessoas que mesmo não possuindo crenças são obrigadas a seguir as datas e festas do mundo cristão, para serem “seres sociais” e assim aceitos por todos, sem causar espanto ou desconforto no outro, o autor até brinca dizendo que: “até os ateus no México são cristãos”. O povo prefere as explicações dos líderes religiosos, distorcem as explicações pautadas no conhecimento científico, tornando tudo parte do universo cristão.

O poder é usado de forma descarada para manter tudo no lugar em um país que ainda se mantém atrasado, segundo o *eurocentrista* de concepção de mundo. Questiona também a quem pertence o “poder” que governar ao outro é governar a si mesmo. O narrador mostra o mundo com poucas vendas, retira o véu das relações do homem social em seu meio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. 5º Edição. *O que é Religião?* Editora: Loyola, São Paulo, Brasil, 2003.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa*. São Paulo, SP: Editora Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Quinta tiragem. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

FUENTES, Carlos. *Adão no Éden*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco, 2011.

HAINÉ, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Biblioteca Pólen, 1991.

HENRY, Notekater; GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor. *O Livros das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo, SP: Editora Paulinas, 1947.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa*. 14º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.